

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

**A Historicidade do Banditismo Social e Suas Representações:
Um estudo de *O Cangaceiro* de Lima Barreto e
Sua aplicação no ensino médio e fundamental.**

Rodrigo Fazio

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU	
N.º	1280
Data	02/10/98

Uberlândia/1998

1.456^{S.9}
(2 ex)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A Historicidade do Banditismo Social e Suas Representações:
Um estudo de *O Cangaceiro* de Lima Barreto e
Sua aplicação no ensino médio e fundamental.**

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao Departamento de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, para obtenção do título de
graduado em História, sob orientação
do Professor Doutor Alcides Freire
Ramos.

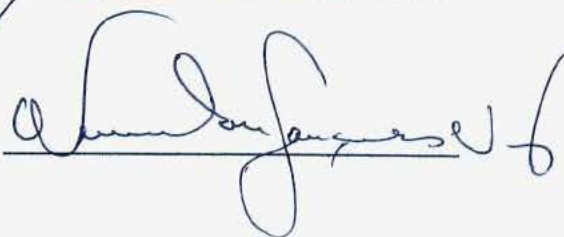
Rodrigo Fazio

Uberlândia/1998

BANCA EXAMINADORA

Alcides Freire Ramos 

Rosângela Patriota 

Wenceslau Gonçalves Neto 

Resultado: 97,0 (Noventa e Sete Ponto)

18/09/1998



Esta monografia é dedicada a Augusto e Dinorá. (meus pais).

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são para o Professor Doutor Alcides Freire Ramos, que me apoiou, e me deu a força necessária para desenvolver este trabalho! Pessoa consciente das minhas dificuldades, sabe a alegria que sinto em ver este meu trabalho desenvolvido.

A minha esposa Suzana Gonçalves, que nunca me deixou desistir, e nos momentos difíceis sempre esteve ao meu lado na conclusão deste projeto.

Gostaria de agradecer também a Deus, que sempre nos orienta, em todos os sentidos.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I – O Tema da Rebeldia Primitiva nos Livros Didáticos : O Cangaço.....	3
Capítulo II- O Cangaço na Bibliografia Especializada.	14
2.1- Os Cangaceiros.....	17
2.2- Terrorismo.....	22
2.3- Cangaço : A Participação das Mulheres.....	24
2.4- O Progresso.....	25
Capítulo III- A Representação Cinematográfica do Cangaço : “O Cangaceiro”, de Lima Barreto.....	28
Conclusão.....	46
Bibliografia.....	49
Anexo.....	52

INTRODUÇÃO

Este projeto tem sua origem nas discussões realizadas face a nossa preocupação, enquanto estudantes e professores de História, com a prática de ensino utilizada nas escolas de ensino médio e fundamental. Na realidade, o ensino de História, na grande maioria de nossas escolas, é factual e se encontra subordinado aos interesses das classes dominantes.

A História factual procura não demonstrar o conflito entre as classes, principalmente por meio de um discurso de “unidade” que indica um objeto comum, independente do papel que o indivíduo ocupa no processo histórico e a qual classe ele pertença.

É verdade que o livro didático “facilita” em muito o trabalho do professor, em ministrar suas aulas. Porém, a grande maioria deles, sem o mínimo “pudor”, só visa reproduzir uma História “comprometida”. Salvo raras exceções.

Minha proposta, neste trabalho de conclusão de curso, é demonstrar que os filmes podem se tornar uma rica fonte de discussão, se os professores de modo adequado começarem a utilizá-los.

O livro didático, sem dúvida, apresenta várias falhas. Entre elas, quando se aborda o tema Cangaço, na grande maioria das vezes, o material utilizado no ensino fundamental não comenta nada sobre o assunto. Na maior parte dos livros didáticos destinados ao ensino médio há, apenas, pequenas notas. Estas tratam o tema como variante da política dos coronéis do Nordeste Brasileiro.

Diante disso, para auxiliar o professor do ensino médio e fundamental, apresentarei o filme “O Cangaceiro”, de Lima Barreto, mostrando a partir dele novas perspectivas sobre o assunto supracitado.

Na primeira parte deste trabalho farei as análises dos livros didáticos e apresentarei os principais problemas que eles carregam evidenciando, assim, a necessidade de incorporar diferentes fontes de pesquisa. Na Segunda parte, farei análise da bibliografia especializada relativa ao tema “O Cangaço”, mostrando-o desde sua origem até seu desaparecimento. No terceiro momento, analisarei o filme “O Cangaceiro” e o apresentarei como fonte complementar e que, sem dúvida irá auxiliar numa melhor formação dos alunos do ensino médio e fundamental em relação ao assunto abordado.

“O Cangaceiro” é um filme de ação e violência que retrata a vida dos “bandidos” que devastaram o Nordeste do Brasil. Obra muito interessante para apreciação dos professores quando abordarem o tema, pois foi inspirado na aventura de Virgulino Ferreira, conhecido como Lampião, o mais famoso cangaceiro nordestino dos anos 30.

CAPÍTULO I – O TEMA DA REBELDIA PRIMITIVA NOS LIVROS DIDÁTICOS: O CANGAÇO.

Os livros didáticos vêm sendo utilizados pelos professores do ensino médio e fundamental como premissa, abordando, assim, uma História factual que, na maioria das vezes, não tem o devido comprometimento com o despertar do senso crítico. As fontes nas quais me inspirei para aprofundar meu embasamento teórico foram de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, sendo elas: Sidnei José Munhoz, Carlos Vesentini, Adalberto Marson, Kátia Abud, Jean Claude Bernardet e Alcides Freire Ramos.

Para que serve a História ensinada nas escolas? Este é o título do artigo de Sidnei José Munhoz, que nos esclarece quanto ao papel desempenhado por nosso ensino.

Em nossas escolas é ministrado um ensino de História marcadamente factual e baseado em grandes personagens e feitos “históricos”. Este método de ensino está seriamente comprometido com a manutenção e reprodução dos valores da ordem vigente.

“O estudante torna-se agente memorizador de um conhecimento pronto e acabado transmitido pelo educador, que deve ser armazenado e reproduzido sem questionamento. Esta forma de educação, além de impedir o desenvolvimento de um espírito crítico, facilita a reprodução da ideologia dominante já que impede o relacionamento do conteúdo adquirido com a realidade existente”¹.

¹MUNHOZ, Sidnei José. “Para que serve a História ensinada nas escolas?” In: Silva Marcos Antônio (org.). **Repensando a História**. ANPUH, Núcleo de São Paulo, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, p.66.

O professor tem sofrido uma constante desvalorização de sua profissão perante a sociedade devido aos baixos salários, ele se vê forçado a complementar sua jornada de trabalho, não restando tempo para pesquisar e preparar “boas” aulas. O livro didático, deste modo, não poderia ter deixado de se tornar única fonte de um saber comum; ele tem sido um dos mais utilizados meios de transmissão, e, sobretudo, de manutenção do que se entende, hoje, como “ensino médio e fundamental”.

Kátia Maria Abud em seu artigo “O livro didático e a popularização do saber histórico” nos diz que “o livro didático é um dos responsáveis pelo conhecimento histórico que constitui o que poderia ser chamado de conhecimento do homem comum. É ele o construtor do conhecimento histórico daqueles cujo saber não vai além do que lhes foi transmitido pela escola de 1º e 2º graus.

Esse homem comum, em geral, vê a História como uma epopéia ou como um suceder de fatos pitorescos, cujos personagens principais são os vultos históricos, os heróis que movem a História. A narração dos feitos desses indivíduos constituiria, então, a História para esse homem comum”².

A importância que o livro didático assume para a visão de História que se constitui no senso comum está diretamente relacionada com a ausência de outras fontes de consulta. Quanto a este aspecto, discute-se frequentemente, em várias perspectivas teóricas, se a História como disciplina constitui uma operação particular, uma abordagem própria de seu objeto, ou se ela se integra no campo interdisciplinar das Ciências Humanas ou Sociais.

² ABUD, Kátia Maria. “O Livro Didático e a Popularização do Saber Histórico”. In: Silva, Marcos Antônio (org.). **Repensando a História**. ANPUH, Núcleo de São Paulo, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, p.81.

Segundo Kátia Abud, o livro didático sofre com uma coação bem conhecida. Ele destina-se aos alunos da rede escolar, portanto necessita de uma linguagem simples, para se tornar compreensível. Ela nos adverte que essa tentativa de simplificar pode levar a uma distorção e a uma História factual.

“A História factual se crê objetiva, verdadeira, e de fácil assimilação pelo educando, por que não se explicam nem se analisam os fatos, que são apenas narrados, constituindo em si mesmos o cerne da História.

Outros limites são aqueles impostos pelos programas e sugestões curriculares de órgãos oficiais, que estabelecem, com muita frequência, as diretrizes a serem seguidas. No entanto, mesmo aqui, o livro didático tem se mantido bastante conservador. Primeiramente porque a maior preocupação é seguir os tópicos sugeridos pelos conteúdos dos programas e guias curriculares, colocando em segundo plano os objetivos e as propostas de uma **História crítica** (quando existem). Mais uma vez, o livro didático se mostra preocupado com a narração dos fatos dos conteúdos sugeridos sendo a História supostamente objetiva, a História aparentemente verdadeira já que a ocorrência de fatos em datas e locais determinados, com a presença deste ou daquele “grande homem”, é inquestionável. O que os fatos significaram é que se torna objeto de discussão, mas ao invés de serem interpretados, eles são apenas narrados, simplificando-se assim o processo histórico a uma sucessão de causas e efeitos”³.

³ ABUD, Kátia Maria. “O Livro Didático e a Popularização do Saber Histórico”. In: Silva, Marcos Antônio (org.). **Repensando a História**. ANPUH, Núcleo de São Paulo, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, p.82.

Por outro lado, ao vincularmos o cinema ao ensino, mais precisamente os filmes históricos, é preciso observar atentamente o complexo mecanismo através do qual se impõem tanto a visão histórica quanto a visão estética presente nos filmes.

Na realidade, o livro didático está comprometido com uma visão simplificada da História, sendo seu conteúdo apresentado como unitário – verdade absoluta –, os estudantes são automaticamente preparados para absorver a visão histórica presente nos filmes naturalistas de caráter “heróico”.

Segundo Alcides Freire Ramos e Jean Claude Bernardet⁴ podemos afirmar que o discurso histórico apresentado aos estudantes, pelo professor através do livro didático, e o discurso cinematográfico naturalista, exigido pela maior parte da crítica de cinema, existe o mesmo mecanismo de ocultamento das contradições, das divergências, dos confrontos; enfim dos conflitos sociais, por estarem estes ligados de alguma forma a classe dominante ou à “memória do vencedor”.

Conforme o historicismo, o historiador deve respeitar o material utilizado, pois os “documentos falam por si”, sendo sua posição neutra diante dos fatos que devem ser alinhados em uma seqüência lógica, cujo produto final é digno de confiabilidade.

Contudo, alguns cineastas recusam utilizar essa visão e interpretação em filmes históricos, preferindo buscar a “História” dos próprios agentes, ou seja, a busca da memória dos agentes ou “sujeitos históricos”.

Abordando Carlos Alberto Vesentini⁵, ao qual a História não pode reivindicar para si uma posição de neutralidade, muitas vezes aquilo que chamamos de interpretação é na

⁴ BERNARDET, Jean Claude & RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e História do Brasil**. 3ª ed., São Paulo: Contexto, 1994, p.14-15.

⁵ VESENTINI, Carlos Alberto. “Escola e Livro Didático de História”. In: Silva, Marcos Antônio (org.). **Repensando a História**. ANPUH. Núcleo de São Paulo, Rio de Janeiro: Marco Zero. 1984, p.75.

verdade a versão do vencedor, portanto a memória, longe de constituir um material, é de fato a base sobre a qual o trabalho historiográfico opera.

O trabalho conjunto do cineasta com o historiador possibilita a ampliação dos horizontes no conhecimento histórico, compreendendo, assim, a sociedade e sua História mediante técnicas, embasamentos teóricos e um “olhar” próprio dos “acadêmicos”, construindo, dessa maneira, uma riqueza cultural pelo viés cinematográfico.

Desta forma, subentende-se que tanto a ficção como o documentário podem ser considerados boas fontes de pesquisa e material para o ensino de História, desde que se saiba que perguntas fazer aos filmes, permitindo, assim, compreender a sociedade e sua História.

Para complementar minha discussão relativa ao livro didático, apresentaremos um resumo de cada livro pesquisado de modo a explicar empiricamente nossos argumentos.

Em primeiro lugar, é preciso discorrer sobre os livros voltados para o ensino fundamental.

Após analisarmos diversos livros didáticos,⁶ não encontramos nada relacionado ao tema Cangaço ou variante. Nestes livros, abordam-se temas como o império, a República Velha, e segue-se a ordem cronológica, sem se mencionar o tema em questão.

Na República Velha, fala-se dos presidentes e seus feitos durante o mandato, da política “café com leite”, faz-se um comentário rápido sobre “A Guerra de Canudos”, sobre

⁶ FERREIRA, José Roberto Martins. **História**. São Paulo, FTD, 1995.

ALVES, Kátia Peixoto & BELISÁRIO, Regina Célia de Moura Gomide. **História Volume 4**. 2ª ed. Belo Horizonte: Vigília, 1991.

SANTOS, Maria Januária Vilela. **História do Brasil**. 1º grau, 26ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

JULIERME. **História do Brasil 1º Grau**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas.

SANTOS, Maria Januária Vilela. **História do Brasil Volume II**. 30ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

o coronelismo, principalmente nos Estados mais pobres onde este imperou, o Nordeste Brasileiro.

“A tendência à simplificação/distorção é mais evidente nos livros destinados ao 1º grau, onde o conteúdo específico de História aparece diluído. Já nos que se destinam ao 2º grau, podem-se notar algumas tentativas de apresentar a História dentro de linhas de interpretação ligadas a novas correntes que poderiam levar a uma História do Brasil mais distanciada dos seus mitos e preconceitos. No entanto mesmo estes manuais encontram dificuldade para dar continuidade à análise do processo histórico”⁷.

Nos livros didáticos aparecem também citações pequenas sobre os jagunços (guarda privada) que trabalhavam para o coronel. É possível notar que alguns autores de livros fazem confusão, pois, ao apresentarem estes jagunços, os colocam com figuras de cangaceiros.

Nos livros didáticos de primeiro grau, é como se não houvesse existido o Cangaço e seus conflitos. De acordo com este material, não é de se estranhar que a população rural, mesmo sob pesada exploração, nunca tenha contestado sua sofrida posição social.

Durante todo o ensino fundamental, as crianças nada vêem sobre o cangaço, Lampião, Corisco, Antônio Silvino e Sinhô Pereira.

Neste ponto, é necessário passar para a discussão dos livros utilizados no ensino médio. Nestes livros didáticos a situação melhora muito pouco. Encontramos, na verdade, o

⁷ ABUD, Kátia Maria. “O Livro Didático e a Popularização do Saber Histórico”. In: Silva, Marcos Antônio (org.). **Repensando a História**. ANPUH, Núcleo de São Paulo, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, p. 83.

tema em questão em pouquíssimos livros. Dentre eles, apenas dois comentam razoavelmente o tema cangaço. Os demais fazem pequenas citações.

Por exemplo, Francisco Alencar aborda o cangaço da seguinte forma: “A implantação do regime republicano não modificou a situação das famílias de trabalhadores do campo, que representavam naquela época mais de dois terços da população nacional”⁸.

Todas as necessidades básicas, como remuneração justa dos trabalhos, boa alimentação e saúde, estavam distantes de serem atendidas, o que gerava insegurança e insatisfação, e dentro de certos contextos fatores de revoltas violentas contra o poder oligárquico. Entre as últimas décadas do império e as primeiras da república, essas revoltas se intensificaram, principalmente no Sertão Nordestino.

“Bandos de cangaceiros irromperiam no sertão, assaltando propriedades dos coronéis, enquanto outros milhares de sertanejos, solidários na miséria comum, organizaram movimentos religiosos, que, em certo nível, chegaram a contestar a ordem social”⁹.

“O Cangaço era um movimento independente. Consciente ou não, o cangaceiro rebelava-se contra os latifundiários, os poderosos. Diferia dos capangas (jagunços), que eram assalariados do crime, lutando a serviço do coronel que pagasse mais”¹⁰.

⁸ ALENCAR, Francisco; e outros. **História da Sociedade Brasileira**. 2º Grau. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985. p.202.

⁹ Ibidem, p. 202.

¹⁰ Ibidem, p. 203.

Ao analisarmos o Cangaço, como fenômeno social, evidencia-se que foi uma manifestação de revolta, não organizada politicamente, dos oprimidos contra os opressores. Justificativa pela qual se explica a simpatia da população pobre.

Dos livros analisados, o que foi escrito por Luiz Koshiba é o que melhor analisa este “fenômeno”, abordando-o como banditismo social: “Eric J. Hobsbawm apresenta o banditismo social como um fenômeno universal, ocorrendo tanto na Sicília e Ucrânia como na América. Surge em sociedades rurais em desagregação, contra o avanço do capitalismo, que age como força destruidora de um universo tradicional”¹¹.

O bandido social não é, ou não pode parecer, um criminoso, segundo os costumes locais (ele necessita da proteção da comunidade local, contra a perseguição do Estado). Ele aparece como vítima da injustiça, sofrendo a perseguição das autoridades, que o enxergam como criminoso. A comunidade o admira por sua coragem, ao passo que a polícia o persegue.

“Até o último quartel do século XIX, o sertão foi dominado pela luta entre famílias, o que impedia a ação de grupos armados independentes. Nos fins do século XIX, essa dinâmica sertaneja sofreu modificações.

Os bandos de cangaceiros tornaram-se autônomos em suas ações. (Até então, estavam sob ordens dos coronéis). Os laços de solidariedade perderam seu significado e a violência tomou conta das relações entre as pessoas”¹².

¹¹ KOSHIBA, Luiz & PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História do Brasil, 2º Grau**. 5ªed., São Paulo: Atual, 1987. p. 271.

¹² Ibidem, pág. 272.

De 1920 a 1938, o cangaceiro mais famoso foi sem dúvida Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Só que nesta época a República Velha estava em crise com a emergência das camadas médias, a crescente centralização do poder por parte do Estado enfraqueceu pouco a pouco as oligarquias e os coronéis.

Em 1938 com a morte de Lampião, morre também o cangaço. Seu fim decorreu dos efeitos da Revolução de 30.

Outro autor, Francisco de Assis Silva, retratou todo o movimento do Cangaço com o seguinte texto: “A busca de uma saída através do cangaço denunciava os grandes problemas sociais ocasionados pelo latifúndio. O cangaceiro e o jagunço eram originalmente contratados dos coronéis para serviços de proteção.

Após a formação dos grupos, os cangaceiros passaram a agir de forma a contestar a ordem vigente, espalhando terror entre os grandes proprietários. Essa atitude não era consciente. Era uma forma de vencer a miséria da maneira mais primária, ou seja, empregando a violência”¹³.

Como já afirmamos anteriormente, o Cangaço é abordado dessa maneira na maioria dos livros didáticos pesquisados, como um fragmento, uma consequência da Velha República. Que embasamento teórico este texto pode transmitir a um aluno de segundo grau? Que visão crítica ele pode desenvolver, estudando O Cangaço, por este livro? Como entender suas origens, a sociedade da época, a política e o seu fim? Como compreender a superestrutura que compunha a dinâmica da sociedade nordestina da época. (1870 a 1940)?

¹³ SILVA, Francisco de Assis & Bastos, Pedro Ivo de Assis. **História do Brasil, 2º Grau**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1983, p.214.

O último livro que vamos analisar é da autora Elza Nadai. Em seu livro, ela nos oferece a seguinte visão do tema: “A grande massa de oprimidos do regime era constituída pelos habitantes pobres da zona rural, que eram a maioria da população brasileira.

Assim, essa população, diretamente submetida ao jugo dos coronéis, não possuía qualquer chance de organização sistemática, através da qual pudesse manifestar seu descontentamento, e, por isso, reagiu, segundo Rui Facó com:

a) a formação de grupos de cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas.

b) A formação de seitas de místicos – “fanáticos”.

A resposta governamental era, portanto, a repressão policial e militar e, assim, o sertão pobre e marginalizado, era o local onde se verificavam os choques”¹⁴.

O texto deste livro é tão comprometido quanto o de Francisco de Assis Silva. Quais contribuições para um embasamento teórico e uma visão crítica ele suscita? Aproveitando a oportunidade que ambos autores supracitados nos oferecem, destacamos a importância que o professor assume para o desenvolvimento do censo crítico. E chamamos a atenção, para a necessidade de se integrar à discussão dos manuais didáticos, outras fontes, como por exemplo os filmes e textos da bibliografia especializada.

Após esboçar a situação do Cangaço nos livros didáticos, podemos perceber como que o tema é tratado. É quase impossível que no ensino médio e fundamental alguém tenha uma visão profunda sobre o assunto.

¹⁴ NADAI, Elza & Neves, Joana. **História do Brasil**, 13ª ed. (reformada e atualizada). São Paulo: Saraiva, 1990, p. 209.

O livro didático representa o que a nossa classe dominante quer que os jovens aprendam nas escolas (como já foi demonstrado). E, certamente, as elites não querem que os alunos aprendam nada que fale de revolta, nada que tenha contestado a ordem vigente e que possa servir de exemplo.

Com o que foi apresentado sobre os livros didáticos, neste capítulo, espero ter deixado visível que os alunos não conseguiriam aprofundar o estudo do tema Cangaço apenas recorrendo ao livro. O assunto é analisado de maneira superficial. Sendo assim, fez-se necessário partir para a verificação de uma bibliografia especializada. Nela, após um levantamento sistematizado, constatamos a riqueza das interpretações existentes, que conseguem nos oferecer os embasamentos teóricos indispensáveis para reforçar nossa conclusão a respeito dos livros didáticos.

Depois de ler Rui Facó e Júlio J. Chiavenato, estaremos convencidos de que o material didático precisa ser complementado. Esta bibliografia especializada que apresentaremos no segundo capítulo será a base para ampliar a visão dos alunos com relação ao tema.

CAPÍTULO II – O CANGAÇO NA BIBLIOGRAFIA ESPECIALIZADA

Podemos constatar objetivamente que cada tema pode ser reapropriado, reinterpretado e recuperado continuamente pelo poder. Os livros didáticos, como já vimos, estão comprometidos com a ideologia dominante, repetindo, simplificando, dando um sentido unitário; enfim factualizando o processo histórico.

A bibliografia especializada é múltipla e realmente plena de confrontos. E estes confrontos tendem a nos oferecer mais de uma percepção, elas tem vencedores, mas também tem vencidos. Mesmo quando estes não se expressam, deixam a possibilidade de outra leitura de seu momento.

Sendo assim, torna-se claro o porquê da utilização desta bibliografia especializada. Seu estudo ressalta a importância de se pesquisar diferentes fontes para se ter uma visão mais abrangente do tema. E adquirir um senso crítico, que nos dê a percepção das diferenças entre a bibliografia especializada e o livro didático.

Passaremos, agora, à análise desse material.

Segundo Chiavenato, “o colonizador fundou o latifúndio no Brasil, usando bandidos. Os bandeirantes invadiram os sertões derrubando a mata e fincando marcos.

Oficialmente, os bandeirantes foram “alargadores de fronteiras” e “heróis nacionais”. Foi fácil criar o mito, eles faziam parte do banditismo oficial, eram de origem nobre, financiados pela Coroa. Mitificados ou não é uma constante no Brasil os

“mantenedores da ordem” serem bandidos. E não poderia ser diferente em um país que se desenvolveu por meio do roubo e do extermínio de centenas de nações indígenas”¹⁵.

Isso nunca é descrito em nossos livros didáticos. Neles, aparece, apenas, a versão do vencedor, a do “herói nacional”. Por isso, a importância de se utilizar outras fontes, e não apenas nossos manuais de ensino fundamental e médio.

Para Rui Facó¹⁶, por exemplo, a nossa História tem sido repleta de fenômenos encarados como extra-históricos. “Banditismo” e “Fanatismo” são expressões que os resumem, ocultando-os dos fatos que fazem parte da nossa História social, de nossa integração como nação.

Um dos primeiros grupos a inaugurar essa genealogia popular do “mal” foi o dos “bundões”.

No século XVIII; formavam um bando originário de uma família com esse apelido, que se alugavam para “manter a ordem”, principalmente nos garimpos. Sobrevivendo desde a Colônia até o Império, os “bundões” conflitavam com os “marrões”, estes aliados a outras famílias.

Entre os ancestrais mais próximos dos cangaceiros estavam os “cacheados”. Agiram desde o século XVIII no Nordeste, impondo a lei no campo.

O sertão do São Francisco conheceu os “vira-saias”, menos submissos. Formavam um grupo de bandoleiros que invadiam vilas, fazendas, e cometiam assaltos e estrupos, daí o nome de “vira-saias”. Os latifundiários acabaram por perder o controle sobre eles, e o Rei Fernando José, na virada do século (1788/1800), mandou persegui-los. Não foram vencidos e dispersaram-se em outros bandos.

¹⁵ CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço: A Força do Coronel**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 07.

Todos esses homens tinham uma missão comum: o controle da mão-de-obra e manutenção da posse da terra. Com o passar dos tempos, facções políticas começam a se enfrentar no Império. Com isso, surgem novos bandos, não só para o controle social, mas para vingar e exterminar inimigos políticos. Destacam-se como pioneiros nesta forma de atuação os “Curimbabas” (em dialeto indígena significa “homens valentes”); sua área de operação era principalmente nas Minas Gerais.

Surgem também os “dungas”, que agiam no Nordeste. “Curimbabas” e “Dungas” eram assassinos que não poderiam ser punidos: executavam o trabalho sujo, necessário ao senhor, dentro do jogo político.

“Dos bandeirantes, em 1500 até os “bugreiros” em 1925, havia uma constante: bandidos trabalhando para a posse da terra, bandidos de vários tipos, matando para garantir os sistemas de privilégios”¹⁷.

Também hoje, nós podemos constatar, em pleno fim do século XX, que o banditismo político e de controle social está semi-oficializado, e impune como sempre.

Gregório Fortunato, homem corrupto e sanguinário, o segurança mais famoso dos tempos modernos (guarda costas de Getúlio Vargas), fez escola...

Após várias crises políticas, surgem os “órgãos de segurança”, com seus homens de paletó e gravata, armados e pagos pelo Estado. Em 1964, invadiram lares, torturaram, mataram, roubaram impunemente! Quantos foram punidos?

Na verdade, não poderiam ser punidos, pois representavam o sistema. Eles eram como os “bundões” e os “peitos-largos”: a “manutenção da ordem”.

Por que essa introdução, para se falar de Cangaço?

¹⁶ FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 15.

¹⁷ CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço a Força do Coronel**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.14.

Basicamente, para sublinhar que o banditismo de controle social é uma prática de poder, outrora encoberta, hoje nem tanto. Queremos demonstrar que certos mitos históricos servem para camuflar a atuação criminosa das nossas elites (exatamente nesta parte o livro didático se torna um poderoso aliado, pois oculta tudo o que se foi dito até agora). E, principalmente, porque este capítulo tentará reforçar o conceito de que o cangaço é um fenômeno derivado dos interesses do poder.

2.1 – Os Cangaceiros

Vamos começar a partir da grande seca de 1877, que massacrou o Nordeste, desorganizando-lhe a fraca economia.

Rui Facó nos diz: “Estima-se que, num só ano, em 1878, a população deslocada do interior do Ceará totalizou 120.000 pessoas, quando a população total da província era de pouco mais de 800.000 habitantes”¹⁸.

Neste cenário em crise, no qual perdiam seu poder (entre 1901 e 1909), os coronéis exterminavam-se entre si, a tiros, usando jagunços e cangaceiros. No Cariri, pela primeira vez, bandos organizados de cangaceiros eram usados pelos coronéis. Eles seriam, deste momento em diante, o exército particular dos coronéis, tanto na luta pelo mando político, quanto e principalmente como uma força de controle social, atuando contra o “povo miúdo” e impondo a ordem dos latifúndios.

“No fim do século XIX e nos últimos dias do Império no Brasil, possuíamos uma lavoura arruinada, um comércio quase todo estrangeiro, uma pequena indústria nos centros mais populosos, de que nem se deve falar e em duas ou três províncias a criação de gado.

¹⁸ FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 22.

Quanto à primeira, fundada em grandes propriedades, retalhou o País em vastos lotes, verdadeiros restos das antigas capitanias. Assim, pois, não temos a pequena lavoura organizada. A grande rotineira, perversa, é uma extorsão cruel feita aos proletários rurais. A grande propriedade semifeudal estava arruinando o País”¹⁹.

“Foi o monopólio da terra que nos reduziu ao mais lamentável atraso cultural, com o isolamento, ou melhor, o encarceramento em massa das populações rurais do Sertão. O analfabetismo quase generalizado, ignorância completa do mundo exterior, ainda que nos limites do Brasil”²⁰.

Em uma economia de monopólios da terra, alimentada pela monocultura de exportação, se impediu o desenvolvimento “harmônico” do país. Principalmente no Nordeste: o teatro do Cangaço.

Para Chiavenato, “aí estão as raízes do cangaço. O latifúndio monocultor de exportação é um anacronismo de quase cinco séculos no Brasil, e o cangaço uma simples mancha de quarenta anos localizada numa pequena região nordestina”²¹.

Faz-se necessário observar como o cangaço e o coronelismo conviviam. Todos os coronéis, sem exceção, foram “coiteiros”. E por um motivo muito claro: usar o cangaço como meio de controle social de seus agregados e força militar na disputa pelo poder político em suas zonas de influência. Destacar a presença do cangaço nas lutas políticas do coronelismo é demonstrar a dependência de seus grupos do sistema de poder. Sem a aliança com o coronelismo, expressão política do latifúndio, não teria havido o cangaço.

“O Cangaceiro lutava pela mera sobrevivência. Era perigoso, não só para as suas vítimas como para a estrutura falida do Nordeste. Seus atos degeneravam em simples

¹⁹ FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 18.

²⁰ Ibidem, p. 09.

banditismo. Precisava usar de toda a astúcia para sobreviver, porque era caçado como elemento desestabilizador da ordem. Sem produzir, vivendo do roubo numa sociedade paupérrima, onde os poderosos tinham grande capacidade de retaliação, necessitava aliar-se ao mais forte. Dependia dos coiteiros (fornecia armas e alimentos) que, em geral, eram prepostos dos coronéis. A partir dessa aliança, o cangaço transformou-se de revolta espontânea (contra miséria) em banditismo de controle social”²².

“A própria razão de sobreviverem por tantos anos é o atestado de sua fragilidade. Tanto é que quando não foram mais necessários, como veremos, os latifundiários retiraram seu apoio e eles desapareceram”²³.

Puxando a discussão para cangaceiros e fanáticos, de Rui Facó, veremos lado a lado, os latifundiários semifeudais e a burguesia comercial e industrial, tão frágeis, ambos, que tinham que se suportar mutuamente.

“É verdade que parte dessa burguesia industrial nasce umbilicalmente ligada ao latifúndio semifeudal. Mas, até mesmo por instinto de classe, ela reconhecia que, sem se operarem modificações na estrutura agrária, nem que fosse contornando-a ou adaptando-a às novas condições, a industrialização estaria condenada ao malogro, seus objetivos limitados, seu campo de ação reduzido”²⁴.

Na verdade, a renovação técnica soluciona temporariamente a situação do latifúndio semifeudal nordestino, quer dizer, preserva-a, mas, ao mesmo tempo agrava a situação das massas sem terra.

²¹ CHIAVENATO, Júlio J. *Cangaço a Força do Coronel*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 19.

²² Ibidem. p. 17.

²³ Ibidem. p. 18.

²⁴ FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 14.

Rui Facó aponta várias questões que nos ajudaram e muito no desenvolvimento do tema Cangaço e no seu entendimento.

Uma delas: “como poderia haver justiça, simples recursos jurídicos, sem falar em justiça social, para explorados e oprimidos em tais condições? Onde o aparelho judiciário estava sob o controle direto dos poderosos locais, e o juiz lhes era um dependente, muitas vezes até menos que isso”²⁵.

Não havia instrução escolar, pois os coronéis destinavam o dinheiro que recebiam dos políticos para uso próprio. E quando construíam escolas não era para a educação popular. Os coronéis queriam manter no obscurantismo a população local, eles queriam braços servis e não cabeças que pensam.

“O despotismo dos potentados rurais havia, durante séculos relegado os pobres do campo à condição de objetos. O trabalhador rural continuava a ser considerado um semi-escravo. A classe dos pobres do campo se achava à margem da sociedade constituída. Não tinha terra, nem outros bens, não tinha direitos, não tinha sequer deveres, além daqueles de servir ao senhor”²⁶.

Para escapar da fome e da miséria que aumentaram com a seca, os pobres se manifestaram de duas maneiras:

“A formação de grupos de cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas.

A formação de seitas de místicos – fanáticos – em torno de um boato ou conselheiro, para implorar dádivas aos céus”²⁷.

²⁵ Ibidem. p. 34.

²⁶ Ibidem. p. 28.

²⁷ Ibidem. p. 29.

Júlio Chiavenato chama a atenção para a vantajosa ligação dos políticos com o Cangaço. Os políticos, unidos aos coronéis, se utilizavam dos cangaceiros habilmente, explorando sua força para controlar seus currais eleitorais.

A partir de 1937, quando se evidencia o término do cangaço, e os coronéis vão perdendo cada vez mais seu poder, os políticos passaram a ser menos ambíguos.

Criou-se no nordeste o mito de que os cangaceiros teriam superpoderes. Isso, na realidade, era uma desculpa para encobrir a vista grossa pela polícia. Os oficiais da polícia eram subornados para amolecer as perseguições.

Na formação do mito, a imprensa exerceu um papel primordial. Desprezando a realidade social, os grandes jornais romantizam os cangaceiros, dramatizam o banditismo. Por exemplo, a imagem de Lampião no exterior é de cruel assassino ou de um Robim Hood dos sertões, como o tratava, por exemplo The New York Times. Nos anos trinta, Lampião foi o brasileiro mais famoso na Europa e Estados Unidos.

Chiavenato comenta como é comum estudiosos “arquivarem” os sertanejos em duas categorias: cangaceiros e fanáticos.

Rui Facó nos lembra: “essas instituições respondem aos que expressam a agudeza desse problema como se enfrentassem criminosos comuns, homens que nada tinham a ver com a própria sociedade onde viviam. E eram eles, cangaceiros e “fanáticos”, os elementos ativos de uma transformação que prepara mudanças de caráter social. Eles subvertem a pasmaceira imposta pelo latifúndio durante séculos, provocam choques de classes, lutas armadas, preparam os combates do futuro. São os elementos regenerados daquela sociedade estagnada, em processo de putrefação. Revivem-na, dão-lhe sangue novo, põem-na em movimento, preparam-na para o advento de uma época. São ainda o elemento unificador por excelência de uma região, mais do que o nordeste, todo um imenso território

interiorano, que se desagregava dentro de si mesmo, em feudos quase fechados e paralisados”²⁸.

Ao nosso olhar, o “fanático” demonstrou uma consciência reivindicatória inexistente no cangaceiro. Foram estes “fanáticos”, e não os cangaceiros, que lutaram pela terra, criaram comunidades próprias e estabeleceram-se autonomamente.

O “fanático” não se domava e raramente deixava-se usar pelo poder. Desafiava os poderosos, e, embora precária, tinha uma consciência social que escapava ao cangaceiro.

“A existência do homem apontado como fanático não é caricata como geralmente se afirma. Ele não era o boçal que seguia o lunático de camisolão anunciando o fim do mundo. Pelo contrário, era geralmente o mais “consciente” dos sertanejos, o que mais sedimentava os tabus rudimentares que um catolicismo capenga implantou no sertão. Ele aprendeu a respeitar os santos, temer a Deus, praticar a virtude, ser justo.

Aceitava essa conduta como imposição divina, transmitida pelas autoridades – o padre, o juiz, o coronel. E frequentemente via as próprias autoridades fazendo o contrário do que lhe haviam ensinado.

Então reagia, resistia, e matava, protegendo a crença ultrajada. Para impor a justiça, ficava fora da lei”²⁹.

2.2 – Terrorismo

Cantado por muitos como guerrilheiro, Lampião mais nos parece um terrorista. Sua grande força não era a capacidade de luta, mas sua rede de “coiteiros”. É evidente que essa eficiente rede, espalhada estrategicamente por toda área onde atuou, traz à luz a

²⁸ Ibidem. p. 37.

²⁹ CHIAVENATO, Júlio J. *Cangaço a Força do Coronel*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 64.

dependência do cangaço no coronelismo. Pois os “coiteiros”, eram os prepostos dos latifundiários. Moravam em suas terras, eram testas-de-ferro que nasciam de ordens claras.

O grande fornecedor de armas para Lampião sempre foi a polícia. Esse comércio não poderia ter acontecido sem a complacência das autoridades. O fornecimento de armas acontecia não porque um ou outro oficial fosse corrupto, mas sim pela aliança entre o cangaço e o coronelismo.

Aqui não se menospreza os cangaceiros, em especial Lampião, embora terrorista, foi um astuto guerreiro. Em um aspecto, foi único na história do banditismo mundial que conseguiu agir durante vinte anos em oito estados do Brasil com algumas dezenas de homens.

O historiador inglês Eric Hobsbawm classificou-o com um “bandido social” – não exatamente um Robin Hood, mas um tipo vingador. “Sua justiça social consiste na destruição”³⁰.

Tendo conhecimento, e aproveitando-se da penúria dos sertanejos, encontrou um jeito seguro de conquistá-los, distribuía aos pobres as sobras dos saques, que eram volumosos para quem nada tinha.

Segundo Hobsbawm “quase com certeza ele procurará moldar-se ao estereótipo Robin Hood, em certos aspectos, isto é, procurará ser uma homem que “tira do rico para dar ao pobre” e nunca mata salvo em “legítima defesa ou justa vingança”. Virtualmente ele é obrigado a fazê-lo, pois do rico se podem tirar mais coisas do que do pobre, e porque se ele tirar do pobre ou tornar-se um assassino “ilegítimo” perderá seu mais poderoso recurso, a simpatia e a ajuda pública”³¹.

³⁰ SUPER INTERESSANTE, *Revista*. São Paulo: Abril, 1997. p. 48.

³¹ HOBBSAWM, Eric J. *Rebeldes Primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970. p. 36.

Alguns afirmam que Lampião era um legítimo guerrilheiro, mas não percebem que ele foi chamado justamente para combater a única guerrilha que se efetuava no Nordeste nos meados dos anos vinte: a Coluna Prestes.

“A guerrilha luta contra a repressão e tenta fazer do povo um aliado. O terrorismo impõe-se pela violência, espalhando o pânico, submetendo o povo pelo medo. Lampião mais do que qualquer outro bandido moderno, não só representou os dois papéis, como muitas vezes passando de um lado para outro”³².

Lampião, logo de início, receou as estradas. A forma mais simples de impedir que existissem era matar os trabalhadores, e era justamente o que ele fazia.

O terrorismo era uma regra no Nordeste, e não era exclusividade do Cangaço. Era parte da vida social, absolvido em júri mesmo depois de uma revolução “moralizadora” e da confissão do réu.

2.3 – Cangaço: a participação das mulheres

No Nordeste são tantos os tabus sobre a mulher que chega a surpreender o papel que ela desempenhou no Cangaço.

As mulheres, na caatinga rude, não chegavam sequer a objeto sexual. Sua entrada no cangaço foi uma verdadeira revolução feminina. Elas eram cangaceiras e não mulher do cangaceiro.

Os pouquíssimos historiadores, que se interessaram pela História da mulher no cangaço, costumam registrar sua presença a partir da união entre Lampião e Maria Bonita. Só que essa História é bem mais antiga. Exemplo disso, é que em 1776, o famoso Cabeleira, mantinha relações com uma certa Luísa.

Embora se pense o contrário, os cangaceiros não precisavam raptar suas mulheres. As sertanejas, sem nenhuma perspectiva de vida feliz, conduzindo-se “honestamente”, lançaram-se à aventura, atraídas por esses homens.

As mulheres mudaram a rotina dos cangaceiros, sua valentia e o prazer que elas tinham a oferecer, fizeram o comportamento do bando melhorar. Os cangaceiros tornaram-se mais fortes, estavam cientes da sua nova “posse”, a mulher.

E, com isso, tornou-se necessário criar novos códigos para regularizar as relações entre os casais e os solteiros. Esses códigos eram rígidos, a infidelidade era uma falta tão grave como a traição. As punições eram brutais tanto para os homens, como para as mulheres que violassem essas regras.

Os policiais eram homens violentos, mas tornavam-se ainda mais com as cangaceiras capturadas. O destino delas era bem pior do que o das vítimas do Cangaço.

2.4 – O Progresso

O progresso modificou as relações de classe e os meios de controle social. O capitalismo modernizava-se, precisava desdobrar-se em lucros e investimentos. Abriram-se as estradas, e o nordestino percebeu que os caminhões não transportavam apenas mercadorias, mas permitiam também o trânsito de idéias.

Segundo Rui Facó, muitos acreditam que foram as estradas e os caminhões que acabaram com o cangaço, mas isso não é bem verdade, eles foram um dos motivos. Foi a penetração do capitalismo nos meios rurais que modificou o meio social. A urbanização intensiva é que arrancou o semi-servo da estagnação do meio rural e deu-lhe outros caminhos que os bandos de cangaço.

³² CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço a Força do Coronel**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 86.

“O cangaceiro e o fanático eram os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas uma luta em função da terra, uma luta contra o domínio do latifúndio “semifeudal”³³.

A Revolução de Trinta provoca modificações na política nacional. Os coronéis regionais enfraquecem-se, seus jagunços são desarmados. Os últimos grupos armados do sertão ficam sendo os cangaceiros.

Chiavenato, assim como Rui Facó, entende que a modernização do capitalismo renunciou o fim do cangaço.

O Cangaço foi um banditismo de controle social. Os cangaceiros eram bandidos cruéis, sem consciência social, que se aliavam ao poder do latifundiário. Deixaram de existir quando não foram mais necessários.

O banditismo cangaceiro morreu, mas as forças que o geraram e usaram continuam vivas no Nordeste Brasileiro, fazendo uso de métodos mais refinados e cruéis.

Em quarenta anos de Cangaço, os cangaceiros não mataram tanta gente quanto as condições injustas da posse da terra matam hoje no Nordeste.

A riqueza do tema já ficou comprovada com a sua apresentação neste capítulo. Porém é preciso ressaltar uma dúvida que nos preocupa. Como discutir com os alunos esse assunto com base em Facó e Chiavenato ?

O texto especializado é complexo e denso; esses autores não escreveram seus livros pensando em alunos do ensino médio e fundamental. É aí que pensamos na utilização dos filmes, para discussão em sala de aula. Ou seja: por que não “passar” um filme, no nosso

³³ FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 37.

caso “O Cangaceiro” de Lima Barreto, e comentá-lo com base nas idéias de Facó e Chiavenato?

O filme “não pode falar sozinho”. Para funcionar bem, é preciso comentá-lo, criticá-lo, elogiá-lo, mostrando os momentos em que ele é esclarecedor e os momentos em que ele dificulta o aprendizado.

CAPÍTULO III – A REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DO CANGAÇO: “O CANGACEIRO”, DE LIMA BARRETO.

Neste terceiro capítulo, vamos analisar o filme “O Cangaceiro”³⁴, e observar as concordâncias e discordâncias com a análise feita nos livros didáticos e na bibliografia especializada.

“O cangaceiro” foi dirigido por Lima Barreto, o primeiro cineasta a conquistar para o Brasil prêmios em festivais internacionais: Painei, em Punta Del Este, Santuário em Veneza, e em Canes, além de outros 35 prêmios internacionais. Poucos cineastas fizeram tanto pelo cinema nacional. Em “O Cangaceiro”, o diretor escreveu uma história que mistura reminiscências dos Westerns americanos com evocações do Sertão de Canudos. Mistura ficção e realidade. “O Cangaceiro” é um filme de ação e violência. Retrata a vida dos bandidos que devastaram o nordeste do Brasil numa época em que os cangaceiros, além da brutalidade natural, tinham um código de honra.

É importante lembrar que a maior produtora de filmes que o país já teve foi a Vera Cruz em São Paulo, o seu maior sucesso de público, e também seu filme mais conhecido no mundo, foi “O Cangaceiro”.

Até “O Cangaceiro” ser exibido no festival de Canes em 1953, o resto do planeta não sabia que aqui, “no Brasil”, se fazia cinema. O filme ganhou o prêmio apenas de melhor filme de aventura, mas foi o suficiente para que ele se tornasse um grande sucesso de bilheteria aqui no Brasil e no mundo todo.

³⁴ “O Cangaceiro”, se encontra nas bancas de revista, e faz parte da coleção Isto É Cinema Brasileiro.

“O Cangaceiro” antige dez semanas de exibição contínua em inúmeros cinemas ao mesmo tempo, tendo sido visto por mais de 800 mil pessoas, um recorde absoluto de bilheteria no país”³⁵.

“Maior sucesso do cinema brasileiro de todos os tempos “O Cangaceiro”, até o final de 1953, não havia conseguido reaver no mercado nacional o capital empregado na sua produção. Entretanto o filme já havia rendido a soma de 30 milhões de cruzeiros, dos quais 15 foram para os exibidores, 4 milhões e meio para Columbia Pictures e apenas 10 milhões e meio, para a Vera Cruz”³⁶.

Em “O Cangaceiro” o sertão é um mundo fora da história, depósito de uma rusticidade quase selvagem que o progresso, vindo exclusivamente de fora, tende a eliminar.

“Época imprecisa: Quando ainda havia cangaceiros. Eis o texto inicial do filme. O Cangaceiro é definido como personagem arcaico e a estória já se anuncia como evocação de algo distante do qual estamos irremediavelmente separados. “quando havia”, onde o cuidado de confessar a imprecisão da época sela a preocupação em acentuar que um dado de realidade inspira o filme. Ele busca autenticar-se através dessa referência, assumindo-se enquanto retrato de um tipo humano real, o cangaceiro tal como sugere o título”³⁷.

O filme começa como uma coluna de cangaceiros, rompendo o sertão, numa cena tão linda que se tornou a “cult” do filme. Os cangaceiros avançam sua coluna de forma lenta e ordenada, contra o fundo imponente de um céu recortado de nuvens, sob a música

³⁵ CATANI, Afrânio Mendes. “A Aventura Industrial Paulista (1930-1955)”, In: RAMOS, Fernão (org.). *História do Cinema Brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Art Editora, 1990, p. 220.

³⁶ Ibidem, p. 230.

³⁷ XAVIER, Ismail. *Sertão Mar. Glauber Rocha e a Estética da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 125.

de Gabriel Miglori. “Mulher Rendeira”, música popular nordestina, que se tornou grande sucesso nacional e internacional.

“O canto, o passo, a luz, a linha da encosta e a fileira de cangaceiros compõem um todo harmônico, de serena integração homem-natureza, de completa sintonia entre esse grupo humano característico e o meio em que se move”³⁸.

Um macaco (policia) escoltava funcionários do governo, que mediam terreno para construção de uma estrada de rodagem, se depara com cangaceiros do Capitão Galdino Ferreira. Ele corre para avisar os demais, mas é tarde, Galdino chega com seus homens e pergunta o que eles estavam fazendo “por aquelas bandas”. O encarregado do serviço se declara como funcionário civil, o Capitão Galdino pergunta se o aparelho que ele traz é máquina de tirar foto. O encarregado diz que não e sim para metragem.

Galdino pergunta por que e o que eles iriam medir. O encarregado responde que vai se construir uma estrada de rodagem. Nesse momento, Capitão Galdino fica muito nervoso, fala para eles irem embora pois quem manda no sertão é ele e ninguém vai construir estrada nenhuma enquanto viver. Ele confisca todos os aparelhos e ainda sangra o macaco (policia), desonrando-o perante o seu bando.

A partir desta primeira cena é possível perceber a caracterização básica do comportamento anti-social das personagens. Percebe-se Galdino como “inimigo do progresso”, a cavalgada do bando leva de encontro aos funcionários civis, que mediam terreno para futura estrada de rodagem, Galdino os expulsa, humilha o soldado, enquanto mandar no sertão não passa nenhuma “rodagem” por lá. Seu discurso enfático traz a mensagem da separação entre a “ordem jurídica” e seu governo despótico.

³⁸ Ibidem. p. 127.

Foi possível constatar no segundo capítulo desta Monografia que tanto Rui Facó, com Júlio J. Chiavenato, apontam o surgimento das estradas não como motivo do fim, mas como um contribuidor para o sepultamento do cangaço.

Na sequência do filme, Capitão Galdino recebe informações de um menino do bando, que uma cidadela próxima estava desguarnecida, ele dá instruções de ataque e todos partem a galope.

O ataque é rápido e sem resistência, a vila é tomada, e logo se inicia o saque, o sequestro e a tortura. Todos os macacos da cidadela são mortos. Os cangaceiros ficam aquartelados na vila, sendo servidos de suas necessidades, enquanto Galdino, junto com outros cangaceiros, se encontra em um gabinete interrogando onde poderiam estar os poderosos. Seu desejo era negociar um resgate para não saquear ainda mais a cidadela.

O ataque dos cangaceiros à pequena cidade interrompe sua rotina de trabalho. A ação coordenada dos cangaceiros põe sistematicamente fora de ordem o que encontram pela frente.

“Consumado o ataque e tranquilos os cangaceiros no domínio da situação, tem início o exame das relações internas ao bando que se mostram mais complexas e abrigando contradições. Com a localidade sob domínio, Galdino exhibe aquele senso de justiça, despótica mas de inclinação “popular”, que a tradição atribui ao cangaceiro. Porém, tal como em Deus e o Diabo, não se realiza aqui a representação do cangaceiro como uma espécie e Robim Hood”³⁹.

³⁹ XAVIER, Ismail. *Sertão Mar. Glauber Rocha e a Estética da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 131.

Nisso entra no gabinete uma senhora chorando. Galdino manda que ela pare, e pergunta o que aconteceu. Ela diz que um dos homens do capitão matou sua cabra, que era a única fonte de renda que ela tinha para viver.

Galdino chama o seu homem e pergunta se ele realmente matou a cabra da velha. Ele confirma que sim, mas que teria sido um acidente. Galdino pergunta a velha quanto vale a cabra e manda o homem pagar o que deve à mulher. O homem tenta resistir, mas, temeroso, não se atreve a desafiar a força e o comando do capitão Galdino Ferreira.

Essa cena demonstra o conflito, na divisão e administração do saque, e reforça ainda mais o poder de comando do chefe cangaceiro, sua habilidade em usar um senso de humor rude que entretém seu exército.

Como ninguém apareceu para negociar o resgate, Capitão Galdino vai embora com seus homens. Na saída, se despede do doutor (Galdino fica muito interessado nos livros do doutor e seu material) e um homem de aparência refinada (bem trajado) pede licença e se aproxima. Pergunta se o negócio que conversavam estava de pé, o Capitão responde que sim, que ele terá os votos do sertão, mas não será por qualquer ninharia.

Nos livros didáticos, fala-se muito da ligação entre os cangaceiros e os coronéis. Mas, como já foi mencionado no segundo capítulo, havia a lucrativa aliança entre cangaceiros e políticos. O filme traz este assunto à tona.

Ao sair do gabinete, Galdino vê e pára na escola. Ao entrar, se depara com uma moça, e manda um dos seus pegá-la. Ele pergunta como ela se chama e o que ela estava fazendo lá. Ela responde dizendo se chamar Olívea e que era a professora. Galdino deixa o recado de resgate no quadro e pede vinte contos por ela. Após o sequestro um dos homens de Galdino traz ao encontro do bando um fotógrafo alemão para tirar um retrato do bando.

Os homens pedem para ele esperar o capitão Galdino. Este, antes de posar para a foto, liberta uns passarinhos presos nas gaiolas, só depois posa como um verdadeiro líder para a foto.

O sequestro da professora na escola nos apresenta herói e heroína. Cena a cena se passa como se as cavalgadas, as violências cometidas, nos oferecesse o “corpo” do cangaço.

Os cangaceiros posam para uma fotografia. Na verdade, essa cena, mais do que qualquer outra, demonstra bem a questão do retrato. Galdino já havia demonstrado interesse em ser fotógrafo, quando atacara os medidores de terra.

“Embora seja testemunha direta da ação dos cangaceiros, o fotógrafo trabalha dentro de condições técnicas definidas. Seu registro exige a imobilização dos cangaceiros e carrega consigo uma concepção particular da arte de fotografar. Ele deve ajustar o grupo conforme a noção que possui do gênero “retrato”.

A fingir observar um fotógrafo da época focalizando os cangaceiros, não está apenas definindo o contraste entre a paciência, o método, a sisudez do profissional estrangeiro, é a impaciência, a extroversão anárquica, a movimentação incessante dos “naturais da terra”, acostumados à expansão livre de suas energias. O filme está no fundo, comentando sua própria postura”⁴⁰.

O filme, querendo ser mais completo do que o registro do fotógrafo, o insere exatamente quando sua intenção é penetrar mais fundo na alma sertaneja. Do retrato obtido do conjunto do bando, procura-se fazer uma espécie de síntese de sua fase inicial, voltada para a imagem do corpo do cangaço.

⁴⁰ XAVIER, Ismail. *Sertão Mar. Glauber Rocha e a Estética da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 132.

Após a partida do bando, o mesmo homem que fechou negócio com Galdino lê um discurso inflamado, convocando patriotas, para compor a terceira Volante liderada pelo comandante Alcides, de acordo com a vontade das altas autoridades locais.

O filme introduz a Volante com toques de Clarim, sublinhando a necessidade de combater, em nome da honra e do patriotismo, os bandidos que tão covardemente feriram os foros de civilização de nossa querida Pátria. A perseguição dessa força civil ao bando de cangaceiros é, a partir desse ponto, um dos pólos da narrativa, marcando (em termos de forças sociais), a polaridade ordem-desordem.

“Todo o detalhamento da representação está do lado cangaceiro, pois é dele que se quer compor o retrato. A presença da volante é uma forma de esquematizar a relação do próprio cangaço com a sociedade, reduzindo o que seria uma rede complexa de interesses a sua expressão mais simples: inimigo do progresso, desvinculado de qualquer aliança, não envolvido no tecido das composições políticas, desnecessário, sem origem e sem lugar na dinâmica social, o cangaceiro é anomalia e permanece marginal à ordem vigente. Bandoleiros em estado puro, comunidade de nômades que não respeita a lei e a propriedade, os cangaceiros ameaçam aqueles que trabalham em ordem”⁴¹.

O diretor Lima Barreto em seu filme faz um retrato do acampamento dos cangaceiros, a vida em grupo de homens e mulheres, cada qual com seus afazeres e direitos.

Quando Galdino e Teodoro voltam de um reconhecimento, Teodoro lhe pergunta das intenções para com a moça. Pois ninguém lhe ouvia falar mais nos 20 contos.

Assim que o dinheiro chegar o jeito era devolver a moça.

⁴¹ XAVIER, Ismail. Sertão Mar. *Glauber Rocha e a Estética da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 130.

Galdino pergunta, e se o dinheiro não chegar, Teodoro responde que eles deveriam devolver a moça do mesmo jeito. Galdino diz que vai pensar, e Teodoro sai a galope na frente.

O diretor volta a cena para a rotina do acampamento: mulheres tecelando, os homens comendo e bebendo.

“Em “O Cangaceiro”, embora destacado do conjunto, ele traz a constante motivação que parece dominar as disputas entre os membros do bando: a mulher. Na caracterização do conflito, e em sequências paralelas que representam a vida dos cangaceiros, há todo um enunciado sobre a presença feminina no universo do sertão. Mais do que a ambição por riqueza, é a mulher o foco principal dos conflitos que vimos. Assinalada anonimamente ao bando, ela se define, em “O Cangaceiro”, como prostituta, condição da qual só se liberta enquanto companheira do Galdino, na paz e na guerra (Maria Clódia é a única mulher que pega em armas para lutar ao lado dos homens, escapando ao papel de doméstica).

Na forma do cômico-jocoso, quando centrada na figura da mulher anônima, vítima do rapto que a transforma em companheira do bando, na forma do sério-dramático, quando centrada na figura-protagonista da mulher pura, vítima de um sequestro especial, por que pensada como virtual companheira do comandante”⁴².

Esquematiza-se no filme a particularidade do perfil feminino nesse mundo particular, tem como origem comum o rapto, ela se destina à loucura (quando vítima do sadismo extremo), à indignidade (quando vítima do desprezo após o uso) ou, se tiver sorte e recursos, a única dignidade possível (a de mulher eleita pelo chefe).

Nos livros didáticos não se faz referência alguma à passagem feminina pelo cangaço. Já na bibliografia especializada o livro “Cangaço: a Força do Coronel” faz

análises que nos levaram a pensar de outra maneira a participação feminina no Cangaço. (Ver capítulo II, item 2.3).

No mesmo instante, o diretor Lima Barreto joga a cena para o encontro a sós de Olívea e Teodoro. Este jura não lhe querer mal. Pelo contrário, quer defendê-la e irá contra qualquer um que se engraçar com ela.

Teodoro afirma: “Posso não ter nada nesse mundo, mas palavra eu tenho, eu vou te tirar deste acampamento e te levar para a cidade, e ainda pode ser nesta noite, ou outro dia”.

Olívea faz sua refeição pensando nas palavras de Teodoro.

Enquanto isso, na cidade, o comandante Alcides parte com seus homens, sertão a dentro, em busca de Galdino e seus companheiros.

Anoitece e os habitantes do acampamento se reúnem em torno da fogueira para contarem histórias e se divertirem. Porém, são interrompidos pelos gritos de uma mulher com o rosto marcado na brasa (hábito de tortura dos cangaceiros), pois, quando vê o braseiro do cangaceiro acender o charuto, lembra de sua tragédia e entra em um desespero sem igual.

A atenção é voltada a outro cangaceiro, quando este dá um tiro para cima e pede atenção. A festa recomeça com grande alegria.

Nesse momento, Teodoro se afasta do grupo, vai para um lugar isolado, mas é seguido por Maria Clódia, mulher de Galdino. Esta se abre com Teodoro e revela seu amor por ele. Este, porém, a recusa, pois já está apaixonado pela professora Olívea.

Maria Clódia volta para o acampamento e canta uma música romântica. Em seguida, chega Teodoro, que se senta ao lado de Galdino. Este lhe olha com “ar” de

⁴² Ibidem. p. 134.

desconfiado, se levanta, sai da “roda” da fogueira, e perto de sua barraca encara e é encarado por Teodoro.

“Os projetos de Galdino, reservam-lhe o destino certo (o de Olívea) de mulher eleita, mas o ciúme de Maria Clódia impede a ação livre do capitão. O impasse criado pela intervenção de Maria Clódia fornece tempo para que amadureça o sentimento de Teodoro”⁴³. Teodoro se dirige à barraca de Olívea. Diz para ela que chegou a hora. Um pouco mais ela estará livre. Ela responde dizendo: “seja o que Deus quiser”. Os dois saem do acampamento e rapidamente ganham a estrada.

No outro dia bem cedo, quando todos ainda dormem, Galdino se levanta e vai até a rede de Teodoro. Não o vendo vai até Olívea, e constata que os dois fugiram.

Quando o dia já estava bem claro, Teodoro e Olívea já tinham andado muito. Teodoro diz a ela que é preciso achar um caminho diferente, pois Galdino conhece muito bem todas as veredas. O jeito era subir uma serra, pois o capitão não gostava; além disso, eles encontrariam água e sombra.

Teodoro fala para Olívea que o perigo ainda não passou. Era preciso acreditar em Deus e confiar nele. Olívea pergunta por que Teodoro, um bandido de coração fechado, a estava ajudando, sendo que ela não lhe fez nem mesmo um favor, era uma desconhecida.

“Na dignidade de Olívea e no seu discurso de condenação aos bandidos estão as valorações mais explícitas que selam a perspectiva do filme. Figura mediadora, única personagem que tem história, Teodoro se redime e deixa aflorar sua boa alma sertaneja. Contra o pano de fundo da crueldade, sem redenções de Galdino e dos “cabras” destituídos

⁴³ Ibidem, p. 135.

de história, Teodoro é o herói privilegiado, digno de interesse como caso especial de que se ocupa o filme na intriga”⁴⁴.

Teodoro desconversa e diz que ela é sua boa ação daquele ano.

O capitão Galdino interroga e tortura o homem que ajudou Teodoro a fugir. O homem jura que não sabia para onde teria ido Teodoro, e que só arrumou os cavalos pensando que fosse ordens do próprio capitão.

Galdino não acredita e manda o Tiburcio “dar um galope” com o homem (ele foi preso ao cavalo por uma corda e arrastado pelo chão de pedras). Quando Tiburcio volta o capitão pergunta se ele vai falar. O homem cospe na cara do capitão. Que manda Tiburcio dar uma outra volta, desta vez por dentro da Caatinga. O homem morre sem nada dizer.

Teodoro e Olívea estão bem na frente, mas os homens de Galdino são rápidos.

Olívea diz que Teodoro é um homem estranho, que pelo modo de falar, nas coisas que ele pensa, vê-se que ele é diferente dos demais do bando. Teodoro diz que quando Olívea não mais desconfiar dele, ele contará sua vida.

“Em O Cangaceiro, como no Western clássico, a função da mulher pura é despertar os bons sentimentos do herói e motivar sua luta contra as figuras do mal. No filme de Lima Barreto, sua presença é fruto do rapto, no filme norte-americano, ela pode vir do Leste, trazendo um sopro de civilidade e inspirando o herói no combate pela legalidade (ver “Paixão de Bravos”, de John Ford). Lá como cá, na sua dignidade, a mulher pura é elemento de estabilização, e se opõe à figura que lhe antecede a mulher do “salloon” ou à mulher do acampamento cangaceiro, essa figura condenada funciona como espelho do

⁴⁴ Ibidem. p. 131.

desregramento desse grupo entregue aos instintos, na condição limite de uma luta pela sobrevivência que se faz à margem, ou à distância, do progresso”⁴⁵.

O perigo ronda os dois. Pedro Bispo, o melhor rastreador de Galdino, está no mesmo caminho deles, e bem mais perto do que se supõem.

Galdino e todos os seus cangaceiros vão ao encontro de Pedro Bispo. No caminho, ele encontra um padre. O capitão pede para o padre encomendar a alma do “cabra” que morreu do “galope”. Galdino tenta esconder a causa da morte, mas o vigário não se ilude.

O vigário diz que, mesmo morrendo, iria falar umas verdades para Galdino. O capitão tenta ir embora, mas o padre não deixa e faz um sermão para Galdino e seus homens. No final, Galdino elogia o cavalo do padre e o toma para si, deixando o velho padre ir até a vila a pé.

O padre ficou muito irritado e denunciou a posição dos cangaceiros para a Volante que partiu imediatamente atrás deles.

Após longa cavalgada, a Volante se aproxima do bando de cangaceiros, só que um dos batedores de Galdino avista a volante sem ser notado, e avisa o capitão, que manda seus homens se espalharem na caatinga e sumirem para se realizar uma emboscada perfeita.

Quando a volante se aproxima bem dos cangaceiros eles atiram. O comandante da volante manda todos os seus homens ficarem no chão.

Os cangaceiros dizem que todos irão morrer, a menos que entreguem as armas para depois irem embora. O comandante Alcides é muito valente e, por isso, ordena o ataque. A volante luta com bravura, mas é aniquilada, pois lutava com um inimigo que não via, o comandante foi o último a morrer, chamando Galdino de cachorro e, pior ainda, de covarde.

⁴⁵ Ibidem. p. 136.

“Há, inclusive, um elaborado desfecho para a grande perseguição: ao som da música tema (Mulé Rendeira), em versão sinfônica, a volante reafirma sua coragem, mas é massacrada pelo bando, superior em seu conhecimento do terreno e mais astuto nos movimentos decisivos da luta. Entretanto, a par desse lance final de sacrifício, as ações da volante recebem representação sumária, funcionando como lembrete que há uma batalha à espera dos cangaceiros – e dos olhos do espectadores”⁴⁶.

Quase anoitecendo Teodoro e Olívea param para comer e dormir. Olívea diz que já confia nele e pede para ele contar porque se arriscou por ela. Ele desconversa, mas ela insiste e diz que se ele não falar, ela fala pois já desconfia.

Teodoro declara seu amor por Olívea. Foi, por isso, que ele a salvou dos cangaceiros. Olívea diz que pensava nisso e também se declara a Teodoro, falando que queria que a fuga deles nunca terminasse e que eles ficassem juntos por toda a vida.

Teodoro diz que não pode, pois ele não se acha no direito. Olívea fala que se ele fosse para a cidade, teria sua pena abrandada por lhe ter salvo. E depois poderiam desfrutar uma vida inteira de paz e tranquilidade. Ele diz que não, que não poderia abandonar o sertão, senão fugiria como da primeira vez.

Quando ele era educado por padres⁴⁷, para ser um homem importante, se meteu em uma briga e foi forçado a matar. Então, voltou para o sertão onde é seu canto. E ele diz: “nasci aqui, aqui vivo, aqui morro, seja como for, parece até que tenho um punhado dessa terra em minhas veias”.

⁴⁶ Ibidem. p. 134.

⁴⁷ Como vimos no capítulo anterior, não há escola regular para os pobres. A única forma de aprender é se aproximar da igreja, mas isso, também era uma oportunidade rara, pois poucos tinham esse privilégio.

Olívea pergunta se não há nada que possa tirar Teodoro do sertão, nem uma amizade, um amor, nem mesmo ela. Teodoro diz achar que nem mesmo ela poderia lhe separar daquela terra.

“O seu discurso acentua a diferença radical que o caracteriza como cangaceiro “por acidente”, que “não é como os outros”. Aceitando totalmente o referencial da professora, Teodoro endossa as acusações que o moralismo da heroína endereça aos fora-da-lei, seus companheiros de cangaço. Emocionado, explica sua origem de sertanejo honesto e sua queda, fruto da fatalidade. A educação dos padres da cidade, o havia preparado para um outro destino, mas o crime acidental o transformou, por segurança num cangaceiro”⁴⁸.

Podemos observar um embate, o duelo Galdino-Teodoro, ordem-desordem, há um solo comum que une os adversários: ambos são frutos da terra. Galdino é a figura do mal (da violência), que traz morte e destruição, mas, enraizado, é fiel à tradição e encarna as forças da permanência. Teodoro é a figura do diálogo. Mesmo sendo um Cangaceiro, não é como os outros, pois fala também a linguagem do civilizado.

Os dois continuam em sua fuga e atravessam um rio, Teodoro diz que é uma barreira contra o rastreador. Olívea diz pensar que atravessar um rio seria mais difícil.

Os dois vão esconder os cavalos, quando Olívea vê uma canoa se aproximando. Teodoro observa e diz ser um índio. Ele conversa com o índio, Olívea pede o colar com dentes de onça do índio e Teodoro o consegue, trocando o colar por um rolo de fumo.

Teodoro coloca o colar e diz que isso irá proteger Olívea de todos os maus. Ele a abraça. Ela pede que o colar lhe dê forças para enfrentar a separação que se aproxima. Os dois se olham e, depois de alguns instantes, se beijam apaixonadamente.

⁴⁸ Ibidem. p. 136.

Olívea e Teodoro estavam tranquilos na beira do rio. De repente, ela pede para ele ir embora. E ela preferia morrer ali na terra que ele nunca deixaria, nem mesmo pelo amor dela.

Os dois não percebem a aproximação de Pedro Bispo, que os observava, tomando posição e abrindo fogo contra os dois. Teodoro responde com dois tiros, Pedro Bispo foge para comunicar a Galdino. Olívea diz que está com medo e Teodoro, diz que até Pedro Bispo alcançar Galdino leva tempo. Ela diz que Teodoro garante sua vida, mas quem garantiria a dele. “Da minha vida cuido eu”, respondeu Teodoro, e além do mais o que importa é salvar a sua.

Mais adiante, Teodoro reconhece a paisagem, diz que em breve estarão na cidade. Neste momento Pedro Bispo os alcança de novo. Desta vez Teodoro dá um tiro certo e mata Pedro Bispo.

Teodoro diz que Galdino deve estar muito perto, e que seus cavalos estão muito cansados para fugirem juntos. Então, Olívea deveria pegar o caminho para a cidade e ele ficaria para deter o bando. Olívea pergunta se nunca mais vai vê-lo, e Teodoro diz para ela não falar nisso, que se ele escapar vai lhe buscar amanhã na cidade. Os dois se beijam e Olívea segue seu caminho para a cidade.

Pedro Bispo não morreu na hora, conseguiu ainda chegar a Galdino e dar alarme sobre os dois. O capitão dispara a galope com seus homens, para pegar os dois fugitivos.

Teodoro havia se abrigado em uma pedreira, e quando vê o bando de cangaceiros se aproximar ele atira contra eles e um dos seus tiros acerta o Capitão Galdino Ferreira no peito próximo do ombro.

O confronto dura o resto do dia e a noite inteira. O ferimento de Galdino se agrava, já que não deixa ninguém cuidar dele; só pensa em matar o Teodoro.

Quando amanhece Teodoro está sem munição, ele joga sua arma fora para se render. Galdino grita aos seus homens, que quer ele vivo. Galdino e Teodoro se encontram frente a frente. O Capitão diz que Teodoro nunca iria escapar mesmo que ele tivesse se entregado à polícia, e ficasse guardado no quartel dos macacos, ele o pegaria; traidor, para Galdino, não tem perdão só a morte.

Mas como Teodoro é um “cabra” valente, Galdino deixa que ele escolha o modo como quer morrer. Teodoro desafia Galdino para uma briga de facas, para ver qual é o melhor. O capitão responde que a idéia não é má, mas ele não se rebaixaria a lutar com um cachorro fujão como Teodoro.

Galdino mostra uma árvore que está há uns quinhentos metros, diz para Teodoro ir andando, quando ele passar pela árvore, cada cangaceiro dará apenas um tiro, um de cada vez, vinte e três cangaceiros, vinte e três tiros. Se escapar, estará livre para encontrar Olívea.

Um dos cangaceiros, amigo de Teodoro, se recusa a atirar nele, e é morto na hora por Galdino. Teodoro abraça o amigo, e olha para Galdino, aceitando o desafio. Ele começa a andar, Galdino sem forças, devido ao ferimento, manda seus homens tomarem posição, Maria Clódia manda Galdino quebrar a promessa e dar o primeiro tiro, mas o Capitão mantém a palavra e reafirma sua ordem. Maria Clódia pergunta se ele vai aceitar morrer primeiro que Teodoro, Galdino diz que primeiro é Teodoro, e depois ele.

Teodoro chega na sombra da árvore e os homens de Galdino, conforme a palavra do capitão, começam a atirar um a um. No quinto tiro acertam a perna de Teodoro, mas mesmo mancando ele não pára e segue firme no seu caminho. Mais alguns tiros e lhe acertam as costas, mas este não desiste e continua andando, até que recebe um tiro certo, que põe fim em sua jornada.

Andando apenas mais alguns metros, Teodoro cai próximo a um ribeirão d'água, ele diz não poder ir, como se visse Olívea na sua frente; “nasci aqui, morro aqui”, e apanhando um pouco de terra, continua dizendo: “olhe, olhe a terra do meu sertão”.

Teodoro morre junto à terra que tanto amava, e nunca quis deixar. Seu corpo desaparece junto a ela, e a coluna de cangaceiros volta para o acampamento, em uma cena que os mostra como no início, no horizonte entre a terra e o céu.

Morre Teodoro, em nome do amor a Olívea e celebrando seu apego à terra. Morre Galdino, cego pela vingança e vítima do movimento de destruição deflagrado pela sua própria violência.

Galdino exibiu os anéis nos dedos, como sinal de sua vaidade e ambição desmedidas, enquanto Teodoro caído em um filete de água, agarrando um punhado de terra, declara seu amor pela sua terra o sertão, pela última vez. Seu corpo desaparecendo junto a ela, reafirma o discurso do personagem.

Selado o destino dos protagonistas, o fim nos reserva a cena da abertura. O Cangaceiro, transformado em arquétipo, desfila diante da câmara para compor a homenagem final.

“As ações violentas e as paixões fortes desses “cavaleiros errantes”. Imagem-emblema encerra o discurso para se fixar insistindo num traço essencial do retrato, o cangaceiro é emanção da terra.

“O Cangaceiro” deposita sobre o fenômeno do banditismo social, próprio ao mundo rural pré-capitalista, é marcado “por um modelo burguês do movimento histórico”. Olhando para o universo rural como realidade imóvel “mundo selvagem” não assimilado ao progresso, faz dele objeto de referência.

Se em “Deus e o Diabo”, o elogio ao cangaço vem do caráter pré-revolucionário de sua violência, aqui importa apenas registrar seu vínculo à terra, e fazer dele a face adulterada de um sentimentalismo de boa índole próprio ao sertanejo. O papel do cangaceiro num processo mais amplo é visto apenas como o de obstáculo às forças da ordem e do progresso.

Vê-se no cangaço um momento fundamental do seu processo, o progresso como algo puramente exógeno.

Em “Deus e o Diabo”, o fenômeno regional é ponto inserido no movimento global que define uma vocação universal para a liberdade.

Em seu filme, Lima Barreto mostra que o cangaceiro é resíduo de natureza não dominada, onde predominam os instintos. Tal natureza, no entanto é raiz e, componente da nacionalidade, desde que adestrada e traduzida em sentimentos civilizados, que expressem a incidência da ordem nessa energia⁴⁹.

Este terceiro capítulo analisou o tema, através de “O Cangaceiro” de Lima Barreto. Mas o diretor não fez o filme pensando em alunos do ensino médio e fundamental. Por isso, ele não substitui o livro didático. Nosso trabalho consiste em uma tentativa de cruzar, integrar, e fundir as discussões presentes no filme, com as discussões que a bibliografia especializada nos oferece.

O filme é fácil de acompanhar, ao passo que a bibliografia é muito complexa.

Então, decidimos utilizar os dois materiais. O filme atrai a atenção do aluno e os comentários desta monografia podem ajudá-lo a se aprofundar no tema. O filme deve ser criticado e comentado. Sozinho ele não é a solução, assim como o livro didático.

⁴⁹ Ibidem, p. 139.

CONCLUSÃO

Neste trabalho tentamos abordar, na medida do possível, traços de uma ampla e rica cultura, a do Nordeste brasileiro. Especificamente, escolhemos dentre os vários movimentos culturais, o cangaço, que é marcado por seu traços característicos e específicos. (Ver capítulo II).

Embora seja um tema nacional, o cangaço é, muitas vezes, omitido em nossos livros didáticos, perdendo, assim, um grande processo da nossa história.

Sabemos que nossas escolas apresentam falhas no processo de ensino aprendizagem, pois nela se aprende uma história factual, que se encontra vinculada aos interesses de determinados segmentos da sociedade (classe dominante).

Os livros didáticos (pelo menos os pesquisados) apresentam o tema Cangaço apenas em forma de notas ou pequenos trechos, como variante da politicagem dos coronéis.

Na bibliografia especializada existem obras, de excelente qualidade, que fogem da factualidade, mostrando o cangaço de maneira crítica, como parte da nossa história, e não apenas como mera consequência. É nessa bibliografia que se apontam dados concretos, permitindo a construção de um enriquecimento, tanto para o professor, quanto para os alunos, de uma visão “verdadeira” do que seja o cangaço.

Além da bibliografia especializada, que é de suma importância, podemos e devemos utilizar os filmes. Neste caso específico, abordamos “O Cangaceiro” de Lima Barreto (1953). Nele há um retrato muito bom do tema em questão: O Cangaço. É uma alternativa

viável, e que pode ajudar muito nesta tentativa de superar as lacunas encontradas no livros didáticos.

O filme pode enriquecer e ilustrar as discussões com relação ao tema. Cabe ao professor, porém, fazer uma análise crítica antes de “passá-lo” aos alunos. Na verdade, assim como os livros didáticos, os filmes necessitam de uma profunda análise para verificar sua real colaboração no ensino médio e fundamental.

Se o filme “falar por si só”, isto é, se ele não for comentado, cairemos nos mesmos erros encontrados no uso dos livros didáticos.

Portanto, para a reelaboração do processo de ensino aprendizagem é preciso uma interação, entre várias fontes documentais, pois, assim, seria possível criar um rico processo de construção crítica permitindo, desta maneira, o abandono da história até então, imposta pelos manuais didáticos.

Consideramos este trabalho uma ajuda aos professores do ensino médio e fundamental. Professores que se deparam com temas cujos conteúdos são complexos e extensos, e consideram sua abordagem incompleta somente com a análise do livro didático e querem se aprofundar para a discussão em sala de aula, mas não tinham material para tanto, ou pensavam que não poderia dar certo misturar bibliografia especializada, livros didáticos e filmes.

Sabemos que os professores encontram dificuldades para “passar” os filmes, devido ao pequeno tempo atribuído às aulas de História. Mas, se não for possível apresentar o filme todo, os professores poderão utilizar outros métodos, como, exibir pequenos “trechos”, ou seja, aqueles que perante uma análise prévia forem considerados mais importantes, e juntamente com um texto complementar, que, “retirado” da bibliografia

especializada seja capaz de elucidar de maneira mais abrangente a riqueza do tema, possibilitando o desenvolvimento de um debate crítico com os alunos.

Cabe a nós professores, introduzirmos, as mudanças necessárias para um melhor desenvolvimento do ensino de História.

BIBLIOGRAFIA

- ABUD, Kátia M. "O Livro Didático e a Popularização do Saber Histórico." In: Silva, Marcos Antônio (org.). *Repensando a História*. ANPUH, Núcleo de São Paulo, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. p. 81-87.
- ALENCAR, Francisco (e outros). *História da Sociedade Brasileira*. 2º Grau. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985.
- ALVES, Kátia Peixoto & Belisário, Regina Célia de Moura Gomide. *História Volume 4*. 2ª ed., Belo Horizonte: Vígilia Ltda, 1991.
- BERNARDET, Jean Claude & RAMOS, Alcides Freire. *Cinema e História do Brasil*. 3ª ed., São Paulo: Contexto, 1994.
- CATANI, Afrânio Mendes. "A Aventura Industrial e o Cinema Paulista (1930-1955)". In: Ramos, Fernão (org.) *História do Cinema Brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Art Editora, 1990, p. 190-297.
- CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião: O Rei dos Cangaceiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CHIAVENATO, Júlio J. *Cangaço: A Força do Coronel*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FERREIRA, José Roberto Martins. *História*. São Paulo: FTD, 1995.

KOSHIBA, Luiz & PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História do Brasil, 2º Grau*. 5ª ed. São Paulo: Atual, 1987.

HOBSBAWM, Eric J. *Rebeldes Primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

JULIERME, *História do Brasil 1º Grau*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas.

MACIEL, Frederico Bezerra. *Lampião seu Tempo e seu Reinado*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MUNHOZ, Sidnei José. "Para que serve a História ensinada nas escolas? In: Silva Marcos Antônio (org.) *Repensando a História*.

ANPUH, Núcleo de São Paulo, Rio de Janeiro, Marco Zero. 1984, p.65-68.

NADAÍ, Elza & NEVES, Joana. *História do Brasil*, 13ª ed. (reformada e atualizada). São Paulo: Saraiva, 1990.

SANTOS, Maria Januária Vilela. *História do Brasil 1º Grau*. 26ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Maria Januária Vilela. *História do Brasil 1º Grau*. 30ª edição. São Paulo: a Ática, 1990.

SILVA, Francisco de Assis & BASTOS, Pedro Ivo de Assis. *História do Brasil, 2º Grau*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1983.

VESENTINI, Carlos Alberto. "Escola e Livro Didático de História." In: Silva, Marcus Antônio (org.). *Repensando a História*. ANPUH. Núcleo de São Paulo, Rio de Janeiro: Marco Zero. 1984, p.69-80.

XAVIER, Ismail. *Sertão Mar, Glauber Rocha e a Estética da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ANEXO

O Cangaceiro



Inspirado na aventura de Virgulino Ferreira, conhecido como Lampião, o mais famoso cangaceiro nordestino dos anos 30, Lima Barreto escreveu uma história que mistura reminiscências dos *westerns* americanos com evocações do Sertão de Canudos, descrito no livro de Euclides da Cunha. Mistura de ficção e realidade, *O Cangaceiro* é um filme de ação e violência. Retrata a vida dos bandidos que devastaram o nordeste do Brasil numa época em que os cangaceiros, além da brutalidade natural, tinham um código de honra. A palavra do che-

fe era uma ordem de vida ou morte para todos do bando, e cada bando tinha suas próprias normas.

O fenômeno da formação dos bandos de bandidos que ganharam o nome de "cangaceiros" foi um fato que se deu no nordeste do Brasil durante quase um século, vivendo períodos de maior ou menor intensidade. O nordeste é uma zona semi-desértica, cuja vegetação característica é a caatinga. Durante o período dos cangaceiros, o nordeste era uma zona sem rotas, de difícil acesso, quase impossível de manter um controle policial regular.



Maria Clódia (Vanja Orico), ferida em seu orgulho, ao ver seu amado Teodoro fugir com a professora, une-se em seu ressentimento a Galdino.



Os cangaceiros invadem a pequena vila, aterrorizam os habitantes. Porém, Galdino pune quem saqueia os muito pobres. É uma das cenas iniciais mais movimentadas e dinâmicas do filme.

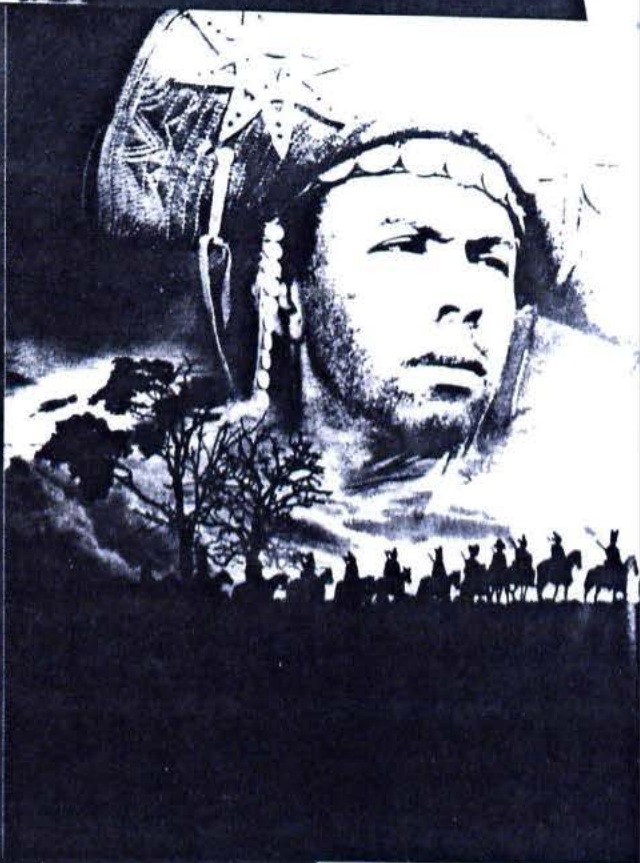


As filmagens nos campos de Vargem Grande do Sul, que ostentava uma paisagem muito semelhante ao cerrado nordestino.



Religiosidade e crueldade fazem o contraponto do personagem de Galdino. Ao sinal da cruz respeitosa, segue-se um assassinato, uma punição.

Ator sensível e disciplinado, Milton emagreceu mais de dez quilos para ganhar o papel. Ganhou o público, superando o próprio Alberto Ruschel, então, um dos maiores ídolos.



A interpretação de Milton Ribeiro foi de tal modo marcante que determinou um tipo que o acompanhou em toda a sua carreira: vilão.

O capitão da volante (Lima Barreto, também diretor do filme) é o terceiro pólo da história. Galdino, que persegue Teodoro e Olivia, é perseguido pela volante.



Teodoro e Olivia. Ele demonstra grandeza ao fazer Olivia fugir, enquanto atrai o bando de Galdino. Oferece sua vida em holocausto a uma paixão.

Cantando "olê, mulé rendera, olê mulé rendá", os cangaceiros recortam-se contra o céu da caatinga em sua odisséia de sangue e vinganças.





B LIMA ARRETO...